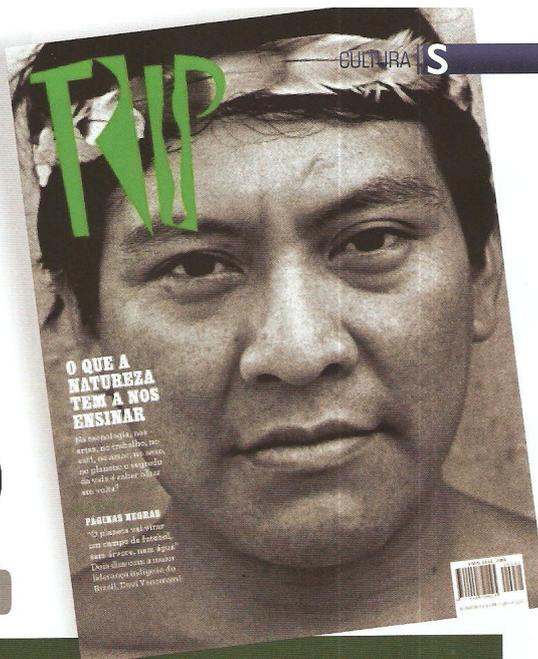


Líder indígena Davi Kopenawa Yanomami foi homenageado pela revista Trip



"EU JÁ QUIS SER BRANCO
PENSEI:
- TÔ NA CIDADE, SEI
ANDAR NA RUA DE CARRO,
COMER DE GARFO E FACAS,
VEJO TELEVISÃO, VOU
PROCURAR MULHER BRAN-
CA PRAMIM. HOJE NÃO
TENHO DÚVIDA:
SOU YANOMAMI
POSSO USAR RÓDUPA, USAR
SAPATO, MAS MINHA ALMA
NÃO É FALSA". DAVI
KOPENAWA

No final do mês passado a associação Hutukara - que representa o Povo Yanomami - realizou um evento festivo para o lançamento da revista Trip de julho, que teve como capa o líder indígena Davi Kopenawa Yanomami, e no miolo uma entrevista especial com uma entrevista de 12 páginas.

Durante o evento foram feitas apresentações de danças e cantos tradicionais Yanomami, o lançamento da revista Trip, a apresentação de um filme Yanomami, de produção do cinegrafista Yanomami Morzaniel Iramari Aranariutheri, além da exposição de artesanato e CD dos cantos Yanomami.

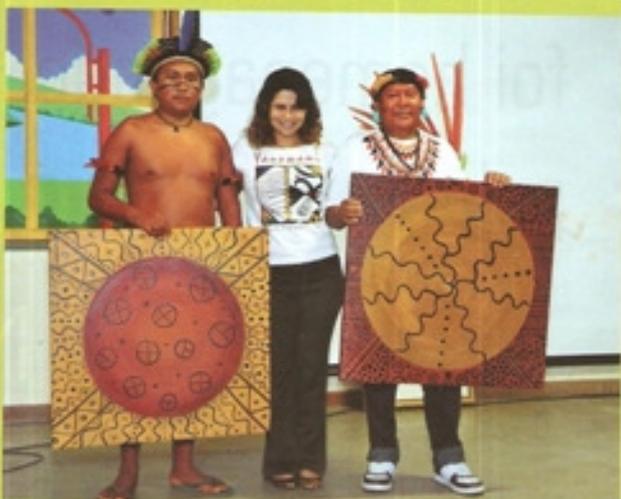
O título da matéria exclusiva da revista Trip com Davi Yanomami diz o seguinte: "**Pouco conhecido em seu próprio país, ele é a mais respeitada liderança indígena brasileira**". Eis parte do texto publicado na revista.

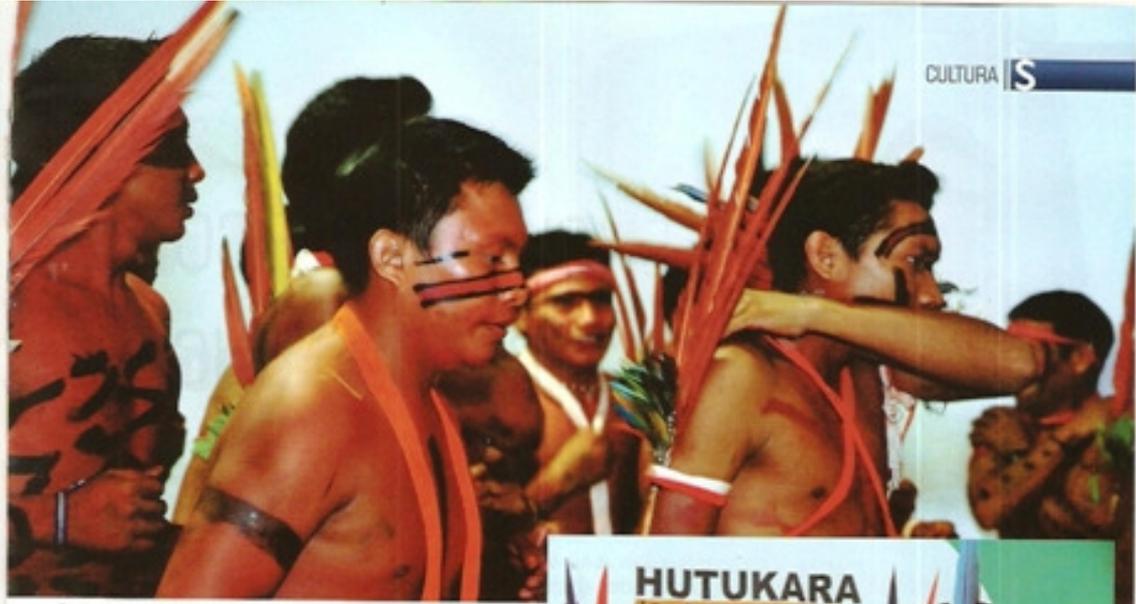
"Pouco conhecido em seu próprio país, Davi Kopenawa Yanomami é a mais respeitada liderança indígena brasileira. Já foi premiado pela ONU, garantiu um território maior que Portugal para seu povo e tem biografia best-seller em francês. Em sua maior entrevista já publicada, fruto de dois dias de conversa, Davi fala da vida, da natureza e da falta de esperança no futuro: "Não tô triste não, eu tô revoltado".

Diffícil não sentir certa culpa conversando com Davi Kopenawa Yanomami. Durante os dois dias

em que a reportagem da Trip acompanhou a rotina da principal liderança indígena brasileira, ele não aliviou em nada a barra pra nós, homens brancos, ou napé: aponta para a aliança do repórter para exemplificar como estamos acostumados com ouro, prata e outras riquezas naturais que vêm, por exemplo, do garimpo que há séculos destrói terras indígenas e mata seu povo. Não vê esperança no futuro, seja de índios ou do que chama de povo da cidade: "Ou vamos morrer queimados, ou vamos morrer afogados". Critica todos os governantes do Brasil e do exterior, de ontem e de hoje, e acha que na Rio+20 não tiveram interesse em ouvi-lo. Não se cansa de repetir que os índios nunca foram respeitados e que brancos não entendem a importância de preservar a natureza. "Pra que vocês vão pra escola? Pra aprender a ser destruidor? Nossa consciência é outra. Terra é nossa vida, sustenta a barriga, é nossa alegria. É boa de sentir, olhar... é bom ouvir as araras cantando, as árvores mexendo, a chuva."

Davi Kopenawa tem (estimados) 58 anos, vive na região da Serra do Demini, onde nas-





Fotos: Jorge Macedo

ceu, perto da fronteira entre Amazonas e Roraima com Venezuela. Fica no hemisfério norte do globo, e lá se chega depois de duas horas de voo com um monomotor a partir de Boa Vista ou então após uma jornada de dez dias de barco da capital roraimense. Kopé-nawa viu de perto pai, avós, tios e praticamente toda sua família e centenas de outros "parentes" (como chama os demais Yanomami) morrerem de doenças vindas do contato com não indígenas. Parte chegou com missionários evangélicos que viveram em sua tribo por anos, e que quase o fizeram trocar as pajelanças por Jesus. Davi sobreviveu a essas epidemias e, adolescente, conseguiu libertar-se das crenças brancas e também resistir às tentações da cidade. Hoje é intérprete da Funai, pajé, chefe do posto indígena de sua região e presidente da Hutukara Associação Yanomami – "uma embaixada indígena junto ao homem branco", explica.

Segundo os participantes do evento, a homenagem feita pela revista Trip ao líder foi mais que justa e a celebração de lançamento da revista muito importante para mostrar para a sociedade roraimense a importância que tem um líder regional no contexto mundial na luta em defesa dos povos da floresta.

